

ENTREVISTA COM CLERI APARECIDA BIOTTO BUCIOLI

Cristiane Rodrigues de SOUZA¹

APRESENTAÇÃO

Cleri Aparecida Biotto Bucioli fez o curso de Letras na UNESP de Araraquara, local em que desenvolveu, durante os estudos, sua visão crítica sobre poesia. Durante o Mestrado, na mesma instituição, estudou os versos da poeta contemporânea Orides Fontela, aprofundando, assim, seu conhecimento que, ligado à sua sensibilidade de artista, dão base ao seu fazer poético. Cleri é autora do livro de crítica literária *Entretecer e tramar uma teia poética: a poesia de Orides Fontela* (2003), dos livros de poemas *Sedas rasgadas* (2003) e *Rume* (2012), além do livro *São Carlos, à flor da pele* (2007), em que apresenta textos e poemas ao lado de pinturas realizadas por ela e por outros artistas.

1) Desde quando escreve poemas? Como foi essa produção durante a sua graduação em Letras na Unesp de Araraquara?

Comecei a escrever poemas na adolescência. Na verdade, não eram poemas, apenas manifestações de sentimentos e, é claro, toda esta escrita evaporou-se no tempo. Com o amadurecimento, a escrita foi mudando. Passei a ter um cuidado maior com a composição, a escolha das palavras, mas ainda faltava aquele “algo mais” que faz a diferença no poema.

Esta percepção aconteceu ao cursar Letras na UNESP – câmpus de Araraquara. Cheguei aos bancos universitários aos 42 anos de idade e quando entrei em contato com os ensaios, elucidando o fazer poético, de críticos como Alfredo Bosi, T.S. Eliot, David Arrigucci Jr, Gaston Bachelard, H. Friedrich, Hegel, Paul Valéry, Benedito Nunes, e tantos outros autores importantes, foi como se eu levasse um soco no estômago – entendi minhas inquietações, ou melhor, percebi que no universo poético, e aqui uso um verso de Orides Fontela, você sempre está a um passo de, isto é, você está a mercê do impossível, do intransponível que de repente revela-se, cresce e materializa-se.

Com a minha experiência de vida, pois não era nenhuma jovem sonhadora, lamentava ter entrado em contato com tão valiosos ensaios e análises consistentes de poemas só naquele momento, temas estes que aconteciam nas aulas de Teoria Literária e Literatura Brasileira e Estrangeira. Isto significa dizer que a produção poética no período da graduação foi escassa. Foi o tempo do conhecimento, da

¹ Pós-doutoranda pela USP-SP. Professora de Literatura Brasileira no Centro Universitário Barão de Mauá/Ribeirão Preto-SP.

reflexão, da pesquisa e da aceitação de um novo universo poético – tempos difíceis para quem escolheu a palavra como mote de criação.

2) No primeiro poema de *Rume* (2012), os versos mostram o fazer poético como o trançar de tramas da vida. Como você compreende a relação entre vida e poesia?

Vida e poesia caminham juntas. A vida em si é um poema. Cada um de nós, com nossa história particular, temos motivo para compor muita poesia. O difícil, no entanto, é que poesia não se faz só com emoções ou facilmente como num toque de mágica.

Lembro-me do texto de R. O. Jakobson “O que é poesia” (Estruturalismo e Semiologia, s/d) no qual ele diz que a poeticidade é apenas um componente de uma estrutura complexa, mas um componente que transforma necessariamente os outros elementos e com eles determina o comportamento do conjunto (p.176). A vida é a estrutura dinâmica e complexa a gerar elementos que poderão ou não transformar-se em poesia. Esta empreitada é árdua, é a somatória de teias e tramas, imagens e ritmos e trabalho, muito trabalho com as palavras. É um processo doloroso, de paciência. Digo isto num dos poemas que compõe Rume: Do mundo concreto, / seleciono palavras. / Paciente, acaricio-as, / imitando a ternura das mãos / que misturam o trigo / e acrescentam, / antes de cozer o pão, / especiarias à massa. (p.27)

3) Além do trabalho com as palavras, você também produz obras na área das artes plásticas. De que forma o seu olhar de pintora constrói poemas?

Pintar é uma outra forma de fazer poesia. Os ingredientes se parecem. Na pintura, tela em branco, imagens, tintas, lápis ou pincel; na escrita, o branco do papel, imagens ritmos, palavras. Em ambos os processos, a angústia da criação prevalece: linhas e tons clamam por harmonia; palavras e imagens sugerem os artifícios da composição.

O nascimento de uma pintura ou de um poema me convoca a “degustar” as metáforas que o mundo me oferece, a recolher a essência dos elementos que compõem a razão e a emoção, reordená-las, costurá-las, dar-lhes formas, torná-las vivas.

4) Você publicou, em 2007, com o apoio da Prefeitura de São Carlos, o livro *São Carlos, à flor da pele*. Nele, ao lado da reprodução de quadros feitos por você e por outros artistas, que fazem recortes da paisagem, há poemas que discorrem sobre as singularidades da cidade. Como foi o processo criativo desses poemas?

Hoje, tenho consciência de que a poesia e a pintura sempre me acompanharam. Mas no ano de 2003 (quando de fato comecei a me dedicar com muito afinco às artes plásticas) esta percepção aflorou.

A elaboração do livro São Carlos, à flor da pele surgiu quando das comemorações dos 150 anos da cidade. Frequentava o Atelier Mara Toledo junto com um grupo de

artistas, propus reproduzir, por meio da palavra e das tintas, as singularidades da paisagem urbana, rememorando, no tempo presente, a história da cidade e de seus habitantes.

A captação das imagens foi feita por mim e outros componentes do grupo. Foi um momento prazeroso, de envolvimento muito grande com o processo criativo. Alguns poemas já os tinha prontos – frutos de instantes de contemplação do espaço físico da cidade que há tempos vinha observando – e outros poemas surgiram à medida que a exposição ia tomando forma.

5) No livro de 2007, é narrada a odisséia de Alice, personagem que chega a São Carlos, procurando compreender o desconhecido e entregar-se a ele. Esse movimento próprio do viajante é apontado por Octavio Ianni: [A viagem,] ao mesmo tempo que marca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza, [...] desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades. [...] [Nela estamos] sempre fabulando o outro e procurando o eu, muitas vezes embaralhados na travessia” (IANNI, 2000, p. 13-4; 21)². Em que medida está na sua produção poética esse olhar de viajante?

A cada amanhecer empreendemos uma nova viagem. A travessia diária, a qual elenca nossas atividades, nosso convívio com o outro, é feita de surpresas agradáveis e tristes. Portanto, neste “aqui e agora” somos protagonistas de nossas ações. Se sou uma viajante atenta, sensível e determinada, consigo ter uma visão mais apurada do mundo e suas agruras, do homem e suas mazelas. A poesia, desta forma, é a consequência final desses infundáveis partos sucedidos a cada elo de satisfação e dor.

6) Seu primeiro livro de poemas, *Sedas rasgadas*, foi publicado em 2003. Como você entende o seu percurso poético? Entre o primeiro livro e o último, há mudanças na fatura dos versos?

*Sim, de um livro para outro sempre há mudanças, mesmo que pequenas. Costumo dizer que *Sedas Rasgadas* é a primeira tentativa consciente de construir uma poética. Em Rume já existe o trabalho mais apurado com o tramar e o tecer, poemas mais concisos.*

7) Além de poeta, você também é estudiosa de poesia, tendo se detido na obra de Orides Fontela. Os versos da poeta são uma das fontes de sua criação? Se a resposta é positiva, gostaria de saber se isso se dá de maneira planejada ou se é percebido depois do poema pronto.

Se há traços da escrita de Orides Fontela nos meus poemas, com certeza não é planejado. Desde muito cedo fui leitora de Bandeira, Drummond, Cecília Meireles, os poetas românticos, os árcades, Fernando Pessoa. Só fui conhecer a poesia de Orides

² IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

quando comecei meu projeto de Iniciação Científica (Compassos e descompassos da poesia brasileira) na graduação. E isto foi no ano de 1996. Mesmo João Cabral, apurei minha leitura por esta época. Muitos poemas, tanto de Sedas rasgadas como de Rume, foram escritos antes desta data, estavam na gaveta à espera de virem à luz.

8) Os poemas de *Rume* são marcados por reflexões sobre o fazer poético, mostrando a recolha de elementos da realidade como base da criação. Como se dá essa escolha?

Minha origem está presente em meus poemas. Cresci num ambiente familiar no qual a criação sempre esteve presente, enquanto artesanato. Meu pai era torneiro de madeira – com um torno, uma pequena tora e um formão nasceram, de suas mãos, peças de uma beleza ímpar. A serragem fez parte da minha infância: tios marceneiros; também o tecer e o tramar com mãe e tias costureiras e bordadeiras. Aprendi a gostar das linhas, do tricô, do crochet, do bordado, do desenho, das cores. Me envolvo de corpo e alma com as atividades diárias e encontro nas tarefas comuns (lavar, cozer, tecer, pintar) matéria de poesia. Somam-se a isto, a contemplação da natureza, o convívio com animais domésticos, o silêncio, o homem, os sentimentos. Recorto o momento, colho os flashes do instante e submeto-me à palavra.

9) Em um dos poemas de seu último livro, o eu lírico, para se encontrar, procura estilizar o espelho e “compor a imagem/ a partir dos cacos”. Da mesma forma, recorta momentos do cotidiano, ao compor os poemas. De que maneira entende a fragmentação do eu, da vida e dos versos?

O poeta comunica-se por meio da emoção, da surpresa, do prazer, da dor. O mundo é o grande palco. Cabe ao poeta descortinar este universo. Nesta empreitada, lança-se mão de ritmos, imagens, do tempo, das angústias, das alegrias e da palavra.

Nas pequenas coisas, nos atos mais simples está a essência da poesia. É desta forma que entendo a fragmentação do eu, da vida e dos versos. Reafirmo, as ações diárias convidam-me a fazer poesia. Mas, isto não significa dizer que é fácil, ao contrário, o instante poético (a criação em si) é muito tenso e há muitos elementos distintos envolvidos: razão, vida, silêncio, fantasia, inquietações, musicalidade e o manejo da palavra – sempre cruel, porque tanto seduz como fere, faz sangrar a alma.

10) Escrever, para você, nasce de necessidade imperativa – algo que podemos chamar de inspiração – ou é fruto de reflexões racionais e busca da melhor solução estética?

Algumas vezes é inspiração e é uma delícia quando isto acontece, o poema pronto nas suas mãos. Mas prevalece o trabalho, o tempo de gaveta, de maturação do poema. Acho isto muito importante.